

AULAS CO-EDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA CURRICULAR: SERÁ POSSÍVEL?

Humberto Luís de Deus Inácio*

Introdução

Este trabalho é resumo de um relatório de pesquisa realizado junto à disciplina Voleibol (masculino e feminino) do Departamento de Recreação e Prática Desportiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresentado por ocasião do encerramento da etapa 94/1 de um programa de fomento à pesquisa denominado "Bolsa de Iniciação Didático-Pedagógica". Esta pesquisa possibilitou-nos travar uma primeira experiência em aulas coeducativas. Neste estudo optamos pelo método *exploratório, com base no estudo de caso*. A coleta de dados foi efetuada com a utilização de dois questionários e observação de aulas. Os questionários foram aplicados, um no início do semestre e o outro no final. O primeiro questionário buscou o pensamento dos alunos da turma sobre a prática desportiva conjunta. O segundo questionário procurou identificar os obstáculos surgidos à prática desportiva conjunta, as propostas para superá-los e os resultados alcançados. Também, a partir das respostas ao segundo questionário, buscou-se identificar categorias, tais como companheirismo, rendimento e

relação homem-mulher. A interpretação dos dados foi feita através de análise de conteúdo e cruzamento das respostas dos questionários.

Mas qual é o Problema?

Sob a égide do "Esporte Para Todos" foram reformulados os programas e os conteúdos da Educação Física (EF) em todos os níveis de ensino no Brasil. Isto se deu na década de 70. O esporte, na sua forma mais conhecida (esporte de rendimento), passou a ser o conteúdo principal das aulas de EF e sua prática foi incentivada para além dos limites escolares. Caracterizado como uma manifestação reflexa de um possível desenvolvimento da nação, o esporte foi colocado como objetivo a ser perseguido por todos. Neste contexto político-histórico de nosso país, foi implantada a EF no 3º grau, denominada Prática desportiva. Além disso, como já era praxe nos outros níveis de ensino, as turmas de prática desportiva foram divididas por sexo. Durante muitos anos as universidades omitiram -se de discutir os conteúdos e métodos da

* Pós-Graduando em Educação Física - UFSC

prática desportiva. Na UFSC, esta prática passou por uma reformulação nos últimos anos, sendo submetida a um processo de crítica e superação. Este processo buscou uma prática da atividade física enquanto manifestação sociocultural capaz de contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento pleno do cidadão. Este novo pensar refletiu-se em uma nova denominação: **Educação Física Curricular (EFC)**, e está possibilitando unir **homens e mulheres** em uma prática esportiva **COEDUCATIVA**.

Mentiras ou Verdades?

O ser humano tem modelos a seguir para incorporar-se ao *modus vivendi* da sociedade na qual está inserido. Suas potencialidades podem ser incentivadas ou sancionadas de acordo com os valores culturais a que está submetido. Segundo ROMERO (1992:24), as características que o sujeito irá adotar "serão aquelas socialmente aceitas por seu grupo, seja étnico, social ou religioso". A autora também nos diz que muitos comportamentos são tipificados sexualmente e assumem significados diferentes para homens e mulheres, sendo assim, determinados psicologicamente. Em todo este contexto, a escola tem sido instrumento de caracterização e perpetuação dos papéis masculino e feminino. Existem várias formas de instrumentalizar e determinar os comportamentos, um deles é o esporte. "O uso, quase exclusivo, do esporte nas escolas tem sido importante mecanismo de reforço à estereotipia sexual" (SARAIVA KUNZ, 1993:108). Mas como a EF faz isto? Busquemos as respostas.

Esporte, Esporte, Esporte....

O esporte formal tem sido meio e fim das aulas de EF. Por que isto acontece se a cultura de movimentos do ser humano é muito mais ampla e complexa que a simples prática de jogos pré-determinados? Parece-nos que foi uma das formas encontradas para inculcar e manter os valores e as relações de poder intrínsecas das sociedades modernas. Esta questão, analisada por BRACHT (1989), apresenta o esporte como sendo um fenômeno social com influências nas relações de poder de nossa sociedade. O autor lista uma série de funções para o esporte: instrumento de repressão de desejos; fenômeno de manipulação, através da compensação, socialização e integração por ele cumpridas; desvia a agressividade para as ações desportivas; é um suposto igualador de chances através de regras universais e adapta o homem às normas de comportamento competitivo, básico para a estabilidade do capitalismo. Entretanto, isto que BRACHT apresenta não justifica, por si só, a separação de meninos e meninas nas aulas de EF. Então, de que forma o esporte cumpre esta missão?

Turmas Coeducativas: nas Salas Sim, nas Quadras Não.

As sociedades modernas são organizadas em função dos homens e não das mulheres. Isto se estende aos esportes e, conseqüentemente, à EF. O primeiro argumento utilizado para

separar homens e mulheres é de que os primeiros são, fisicamente, mais fortes. No entanto, nas sociedades modernas, a força bruta não é mais uma necessidade e, muito menos, ponto de sustentação para as diferenças entre os sexos. Assim, verificamos que as expectativas sociais com relação aos papéis masculino e feminino têm determinado esta separação. No caso do esporte, o modelo a ser seguido é o masculino, forte, viril, de alta performance. Para Saraiva Kunz (1993:111) “o esporte, como conteúdo da Educação física escolar, tem influência direta na sociabilização específica para as atividades corporais, esportivas e de lazer”.

Analisando os Questionários (O que eles/elas falaram no início)

O primeiro questionário apresentou, como respostas mais marcantes, o seguinte: Os alunos acreditam na possibilidade da prática desportiva coeducativa a níveis de lazer e escolar, mas não a nível competitivo. Alguns alunos apontaram para a *cooperação* como aspecto que possibilitaria, inclusive, a competição não sexista. A maior parte deles indicou dois possíveis obstáculos à prática coeducativa: a) o maior vigor físico dos homens e, b) as diferenças de nível técnico entre homens e mulheres. Apenas um aluno indicou o *pre-conceito* como fator de impedimento à prática conjunta. As propostas de su-

peração foram: redução da força na cortada, por parte dos homens; não haver bloqueio quando o ataque for feito por mulheres; colocar a rede em altura que permita um jogo satisfatório para todos, cooperação e diálogo.

“Nada do que foi Será de Novo do Jeito que já foi um Dia...”

Após quatro meses de aulas coeducativas, os alunos responderam ao segundo questionário, resultando no que segue: o diálogo permanente, proposto como forma de superar os obstáculos, foi perseguido e alcançado; a (re)construção do Voleibol enquanto prática de lazer/prazer, bem como a ampliação das relações sociais entre os sujeitos, foram pontos atingidos; os alunos também disseram que as propostas do grupo para a superação dos problemas foram acatadas e resultaram positivamente. Com relação a atitude, vários alunos deixaram claro que houve mudanças comportamentais, não só dos indivíduos, mas do grupo como um todo. O companheirismo e a desobrigação de vitória foram apontados como essenciais para a superação dos obstáculos.

Concluimos que “Se Deus é Menino e Menina...”

As aulas coeducativas, no Brasil, são ainda uma inovação e uma grande dúvida. A experiência pela qual passamos, de observar homens e

mulheres reconstruindo uma prática desportiva conjunta, apontou no sentido de que isto não só é possível, como desejado. Alternativas pedagógicas que auxiliem na instrumentalização do ser humano para a transformação da sociedade, vêm sendo, sistematicamente, buscadas, e aula de EF coeducativa é uma delas. Nas observações das aulas, percebemos que a competição foi sendo substituída pela brincadeira e o individualismo, pelo sentido de grupo, de coletivo. No cruzamento das respostas dos questionários foi possível perceber a inversão de alguns valores antes instituídos: a disputa deu lugar à cooperação; a raiva e o "estouro" deram vez ao prazer; nas diferenças descobriu-se as igualdades e, do jogo, reinventou-se o *brincar*. Assim, vemos mais uma vez, que as práticas pedagógicas transformadoras são possíveis e, além disso, mostram-se importantes ferramentas para superar as desigualdades instituídas em nossa sociedade. Neste sentido, o relato de um estudante de Biblioteconomia, sujeito desta experiência, assume fundamental relevância e serve, perfeitamente, para encerrar esta etapa:

“ quem colocou os homens e as mulheres juntos conseguiu o que queria, atingiu seus objetivos. Todos nós sempre pensamos no negativo, que não dá certo, que as diferenças são muitas, que mulher é mais frágil que homem. Eu não penso mais desta forma, experiência própria, com um pouco de compreensão, vontade, companheirismo e união, o ser humano consegue superar as diferen-

ças, Na minha opinião a Educação Física deve ser trabalhada de forma que acabe com essas diferenças”.

Bibliografia

- BRACHT, Valter. *Esporte e poder*. 6º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Brasília, 1989. (mimeo).
- MOVIMENTO DE MULHERES. Projeto político no campo popular na ótica do gênero: a construção do sujeito. *Contexto & Educação*. 1993, abr/jun,30. 15-21
- PARRA, Amparo. Educação humana não sexista por uma sociedade igualitária. *Contexto & Educação*. 1993, abr/jun,30. 09-14
- ROMERO, Elaine. Diferenças entre meninos e meninas quanto aos estereótipos: contribuição para uma política de desmitificação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 1992 (1)14. 24-28
- SARAIVA KUNZ, Maria do C. *Quando a diferença é um mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física*. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, Fpolis, 1993.
- TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas, SP, 1987.
- VOTRE, Sebastião. BOCCARDO, Ludmila M. FERREIRA NETO, Amálio. *Pesquisa em educação física*. UFES, Secretaria de Produção e Difusão Cultural, Vitória, 1993.